

REFLEXÃO – SANTO AGOSTINHO e SINODALIDADE **10 de maio de 2023**

Boa tarde! Agradeço à Ir. Roxanne e a todas vocês pela oportunidade de partilhar esta reflexão sobre Sinodalidade, Santo Agostinho e, já que estamos falando de Agostinho, também devemos incluir o nosso irmão dos Cônegos Regrantes, São Pedro Fourier. Honestamente, eu não sabia muita coisa sobre ele, além da história dele e de Alix Le Clerc que me foi contada por minha querida amiga Elaine Polcare, com quem trabalhei por muitos anos na Universidade de Merrimack, nos Estados Unidos. Ao fazer uma breve pesquisa sobre Pedro Fourier, vi que ele foi canonizado em 1897 pelo Papa Leão XIII (notável por sua *Rerum Novarum*). O Papa Leão cresceu na Paróquia de Carpineto, Agostiniana, não longe de Roma, e é também o Papa que canonizou Rita (de Cássia) e São João Batista de La Salle.

Trago para vocês as saudações do nosso Prior Geral, Alejandro Moral Antòn e de todos os Agostinianos da nossa Cúria. Sejam todas bem-vindas!

Estamos passando por um processo de Sinodalidade em que a Igreja Católica Universal nos convoca ao discernimento e à participação. Somos chamados a discernir, a escutar, a refletir sobre o significado que tem para nós a participação no processo sinodal. O que significa “caminhar juntos” como irmãos e irmãs em Cristo. Somos chamados a participar, como Corpo de Cristo. Vivemos em união com os outros, como o Cristo Total, cada um oferecendo os seus próprios dons e talentos, bem como as experiências vividas. Hoje, eu gostaria de dedicar este tempo que nos foi reservado para explorar um dos três pilares do processo Sinodal. Como disse, são três pilares: a Comunhão, a Participação e a Missão. A minha reflexão desta manhã terá por foco a Missão.

Uma das minhas responsabilidades como Agostiniano foi na Universidade de Villanova, onde trabalhei na administração da eficácia das delegações missionárias. Alguns apelidavam o nosso escritório de “Centro de Controle de Missão” (como a NASA), outros de “Missão Impossível” (como um filme de Tom Cruise). Por outro lado, nós o chamávamos de Eficácia da Missão. Tentamos focar no que significava a nossa missão, enquanto Universidade Agostiniana. A Universidade possuía uma Declaração de Missão, mas por vezes essas declarações se tornam meras palavras sobre o papel, se não forem integradas às atividades diárias da comunidade Universitária.

Todos nós temos a nossa missão e eu gostaria de dedicar algum tempo para refletir com vocês sobre o que significa ter uma missão e de que forma ela se relaciona à nossa vida religiosa e ao processo Sinodal. Talvez não tenhamos escrito a nossa missão pessoal de maneira formal, mas todos temos uma missão de vida. Por vezes, ao ouvir a palavra missão, pensamos na partida para um país distante. Alguns dos nossos maiores santos e bem-aventurados foram missionários que responderam ao chamado de viajar para longe da terra natal a fim de levar a mensagem do Evangelho a outros povos. Esse trabalho missionário, como sabemos, é muito importante, porém, ser chamado a cumprir uma missão pode, também, ter outros significados.

Recentemente, no período de Natal, passei alguns dias ajudando nossas freiras Contemplativas Agostinianas, em Lecceto (Toscana). Uma dessas freiras havia celebrado o seu 100º aniversário, em setembro do ano passado. Quando cheguei, em dezembro, Ir. Gemma estava bastante enfraquecida e por isso passava a maior parte do dia deitada. A superiora, Ir. Carmela, convidou-me a subir e fazer uma breve visita à Ir. Gemma. Quando entrei no quarto, Ir. Gemma estava na cama, mas muito alerta e grata por receber uma visita. Perguntei se ela precisava de algo e a sua resposta foi algo que jamais esquecerei. Ela disse: "O Paraíso, Padre, somente o Paraíso" ...

Decerto, Ir. Gemma sabia que a sua missão aqui na terra estava por terminar e mantinha-se consciente do objetivo da sua missão. Estava claro para ela que o objetivo último da sua missão era o céu, o paraíso! Que grande lição ela me ensinou! Quando refletimos na nossa missão, deveríamos sempre estar conscientes do objetivo que nos motiva a cumpri-la. De qual é o objetivo da nossa missão.

O documento, *Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, elaborado pela Comissão Teológica Internacional, nos recorda que:

A Sinodalidade é vivida na Igreja a serviço da missão. *Ecclesia peregrinans natura sua missionaria est*; ela existe para evangelizar. **Todo o povo de Deus é um sujeito do anúncio do Evangelho.** Todos os batizados são convocados a serem protagonistas da missão, pois todos somos discípulos missionários. A Igreja é chamada, em sinergia sinodal, a dinamizar os ministérios e os carismas presentes na sua vida e a escutar a voz do Espírito, para discernir os caminhos da evangelização. (§ 53)

Vemos imediatamente que é TODO O POVO DE DEUS que é chamado a proclamar o Evangelho. Como podemos fazer isso? Pedro Fourier tinha em sua vida uma missão clara e ficou conhecido por sua humildade (como tantos outros santos... deve haver algo bom na humildade, que leva à Santidade). A humildade é a via para se chegar a Deus. No prólogo de Agostinho aos *Comentários* sobre a Primeira Epístola de João, ele escreveu: “onde há humildade, há amor”.¹ A humildade é o que nos fortalecerá para realizarmos o ministério a que fomos chamados. A humildade nos leva a nos aproximarmos do próximo, especialmente do pobre e dos mais necessitados. O evangelho enfatiza a importância para a vida do cristão de imitar a humildade de Jesus Cristo. É em Cristo que encontramos a maior lição de humildade e o caminho da humildade não possui outra fonte. Agostinho imprime na congregação a importância da cruz na imitação de Cristo, quando declara “Ele (Jesus) é verdadeiramente exaltado. Você está procurando uma escada? Procure pelo madeiro da humildade e então você atingirá o seu objetivo”.²

Pedro Fourier dedicou-se à evangelização pela catequese e ajudou Alix Le Clerc na escolha da sua missão de vida como educadora. A humildade inclui o reconhecimento de se saber quem somos, para que possamos estabelecer o relacionamento correto com nossas irmãs e irmãos.

De forma prática, entendemos que a Lei Canônica serve para nos orientar e administrar o modo como funcionamos, enquanto organização. Ajuda a organizar a nossa missão evangelizadora, enquanto Igreja universal. Às vezes me perco no emaranhado da rede, quando tantas leis nos são impostas. O que me conforta é que, ao encerrar a Lei Canônica, o número 1752 vem nos lembrar o que é mais importante. Não são os detalhes pequenos, mas necessários, das leis anteriores, que constituem o que é mais importante. O artigo 1752, que é o último do Código de Direito Canônico, declara: *a salvação das almas, que deve ser sempre a lei suprema na Igreja, deve estar sempre diante dos olhos*. A salvação das almas. Vamos manter isso em mente, enquanto realizamos a nossa missão. É para a salvação das almas que continuamos a dirigir e guiar as nossas comunidades. Foi à salvação das almas que Agostinho, Leão XIII, Pedro Fourier e Alix Le Clerc dedicaram suas vidas.

¹ *ep. Io. tr. Prologus*, (SC 75:106). “ubi humilitas, ibi caritas.”

² *s. 70A, 2 (= Mai 127, 2; MA 1:369)*. “Excelsus certe. Quomodo ad eum pervenias, scalas quaeris? Humilitatis lignum quaere, et pervenisti.”

Um aspecto fundamental do ministério de Agostinho foi inspirado pela Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, “*Não busco os meus interesses próprios, mas os interesses dos outros, para que todos sejam salvos.*” (I Cor 10,33). O ministério de Agostinho encontrava sentido nessa declaração paulina, que instruía e conformava a sua missão de vida.

Por que participamos como Corpo de Cristo da nossa jornada peregrina de caminhar juntos? Por que levamos uma vida de cristãos? A certa altura da Carta 21 de Agostinho, dirigida ao Bispo Valério, que o ordenou, Agostinho responde a uma pergunta hipotética, que ele imagina ter sido feita pelo bispo, e questiona o seguinte:

*Mas de que modo poderei exercer este ministério para a salvação de outros, **sem buscar o que é benéfico para mim, mas para muitos, para que eles sejam salvos?** (I Cor 10,33) (ep. 21)*

Ao inserir I Cor 10,33 no texto da sua carta, ele revela o cerne da sua espiritualidade. Agostinho entende que a razão da sua participação como membro do Corpo de Cristo deve ser unicamente para a salvação daqueles que estejam aos seus cuidados. Esse é o seu maior desafio. A percepção que ele tem de ser responsável pela salvação de outras pessoas é um dever que ele não assume de forma superficial. Acredito ser essa a razão pela qual ele descreve o seu ministério utilizando termos que indicam uma missão repleta de riscos ou mesmo perigosa. (Vide: ep. 21)

A passagem das Sagradas Escrituras que leva a I Coríntios 10,33 diz: “Portanto, quer comais quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus”. Na *Carta 21*, Agostinho percebe que ele é capaz de dar glória a Deus, quando oferece o seu ministério para a salvação do outro. Assim, a glória de Deus se manifesta, não pela busca de benefícios próprios, mas de muitas pessoas, para que possam ser salvas. Ao fazer isso, é possível vislumbrar imediatamente o papel fundamental que a virtude da humildade detém, nesse processo de autodoação. É a humildade que permite a Agostinho reconhecer os outros em sua vida, levando-o depois a trabalhar conscientemente pela salvação do outro, durante o seu ministério. De que maneira o percurso da humildade está presente em nossas vidas, enquanto trilhamos juntos o caminho sinodal?

A humildade, tão profundamente enraizada em Agostinho, esclarece os seus pensamentos, guia suas escolhas ao longo da vida e o entusiasmo para agir. Como humilde servo de Deus, ele reconhece a responsabilidade

que lhe compete, não apenas como ministro, mas também como cristão, e partilha essa responsabilidade com todos os demais cristãos.

Possidius conta que Agostinho era “sempre solícito e atento ao bem da Igreja universal”.³ Quer estivesse junto à sua congregação em Hipona, ou falando aos bispos do Norte da África durante uma Conferência episcopal em Hipona, Agostinho se mantinha consciente do seu chamado a permanecer disponível para servir o outro. Os trabalhos que ele realizava e o modo como encorajava as pessoas a viverem suas vidas eram coerentes com o seu chamado para servir.

Eis outro exemplo da pregação de Agostinho, que ele abertamente compartilhou com a sua congregação. De certo modo, trata-se da declaração da sua missão:

O que desejo? O que pretendo? Por que estou aqui falando? Por que me encontro aqui sentado? Qual é o meu grande interesse, além do propósito de que todos nós deveríamos viver juntos, com Cristo? Esse é o meu desejo; essa é a minha honra; nisso está o meu maior tesouro, a minha alegria, meu orgulho e minha glória... Não quero ser salvo sem vocês. (s. 17.2)

Agostinho exerce a sua missão imitando o bom pastor, para que aqueles por quem ele se sente responsável sejam salvos. O amor sacrificial do bom pastor pelo seu rebanho é a mesma atitude altruísta que Agostinho vislumbra que tenhamos todos, ele e nós, batizados, membros do Corpo de Cristo e coadjuvantes na colheita do Senhor. É preciso que levemos esse amor às nossas comunidades, congregações e institutos de educação, em nossa jornada sinodal comum.

Desse modo, seria bom termos como um dos pilares da nossa missão um amor humilde e sacrificial a Deus e ao próximo. Não deve buscar o bem próprio, mas que tudo seja sempre para a glória de Deus. Santo Irineu nos diz que a Glória de Deus é um ser Humano plenamente vivo. Essa plenitude brota quando se reconhece com humildade que qualquer louvor deve ser dirigido a Deus. Agostinho deixa isso bem claro no primeiro Comentário que faz ao Salmo 113. Ele reflete sobre o lindo versículo do Salmo... *Non*

³ *vita Aug XVIII, 6*

nobis domine, non nobis sed nomini tuo da gloriam.... Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória.

Essa é a resposta mais básica à pergunta 'por que participamos do Corpo de Cristo?', já que o Corpo de Cristo tem por fundamento a primazia do amor. O amor é a razão pela qual os salmistas compõem uma canção de louvor. É a explicação de tudo o que Agostinho realizou em seu ministério episcopal. O amor é o que o Bispo desejava ensinar como motivação dos seus ensinamentos de fidelidade a Deus. É o que nos move a sermos seguidores de Jesus Cristo. Foi o que inspirou Pedro Fourier a reformar e finalmente a encontrar, com Alix Le Clerc, uma nova forma de vida religiosa, dedicada à educação. É o fundamento do que temos explorado sobre sinodalidade. Sem a presença do amor em tudo o que analisamos, nada sobra para justificar nossa identificação da Igreja como corpo de Cristo na terra. Esse corpo, o *Christus totus*, responde autenticamente à vocação que recebemos apenas se for conduzido pelo amor.

No Tratado da Primeira Carta de São João elaborado por Agostinho, ouvimos o Bispo exortando os pais e todos os membros que atendam às suas vocações com amor, que é a condição que motiva qualquer escolha. É o que une os membros, fazendo deles um só, o *Christus totus*, e vivifica todas as suas ações.

Por isso, apresento um único preceito para todos: Ama e faz o que quiseres. Se te calares, cala-te por amor; se gritares, grita por amor; se corrigires, corrige por amor; se perdoares, perdoa por amor; se evitares punir, faz isso por amor. Cultiva em ti a raiz do amor, pois dela só poderá advir o que é bom. (ep. Io. Tr. 7.8)

Em 2007, o Papa Bento XVI publicou a sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Sacramentum Caritatis*, no qual destaca um aspecto importante de quem somos enquanto Corpo de Cristo e do modo como a nossa missão está ligada à Eucaristia que celebramos:

Não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: "Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária".(234) Também

nós devemos ser capazes de dizer com convicção aos nossos irmãos e irmãs: “Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco” (*1Jn 1,2-3*). Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos! Não podemos nos aproximar da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os seres humanos. Assim, a tensão missionária é parte essencial da forma eucarística da existência cristã. (§. 84)

A missão da igreja, a nossa missão, está diretamente ligada ao que celebramos no altar. O amor que nos une à Eucaristia é o mesmo amor que nos leva a evangelizar em nossas comunidades e igrejas, bem como nas comunidades e igrejas do mundo inteiro. A nossa missão se fundamenta no mandamento de amar a Deus e de nos amarmos mutuamente.

O mandamento duplo de amar a Deus e ao próximo é um imperativo que não pode ser ignorado. É o mandamento em que todos os que creem em Deus são chamados a viver como membros de todo o Corpo de Cristo, o *Christus totus*. Contudo, não somos deixados sem o exemplo de como cumprir esse mandamento. O exemplo vem da Cabeça que possibilita aos Membros o cumprimento daquilo que foi ordenado.

Entretanto, o que vemos na Cabeça não é meramente exemplo, mas também se realiza como sacramento. Já verificamos a importância do sacramento no altar nas celebrações eucarísticas que realizamos, enquanto povo de Deus. Agostinho usa a palavra *sacramentum* para significar muitas coisas, além dos sacramentos litúrgicos tradicionais.

Vamos refletir sobre o seguinte: o amor que todo o povo de Deus é chamado a dar como parte da missão de cada um também pode receber o título de *sacramentum*, na perspectiva agostiniana. Quando alguém, imitando a Cristo, oferece sua vida para servir como um verdadeiro sacrifício pela salvação de outros, suas ações se manifestam como um *sacrum signum...um sinal Sagrado*. (*ciu. X, 5*)

O exemplo que Cristo nos dá não é meramente um fator externo, mas torna-se uma realidade interior. Nós, todos nós, como membros do corpo de Cristo, que cumprimos o duplo mandamento de amar a Deus e ao próximo, fazemo-lo de um modo sacramental. Esse cumprimento, na verdade, é o *sacramentum Caritatis*, no qual a espiritualidade de Agostinho se fundamenta.

Ouçamos por um instante uma passagem da Epístola de Paulo aos Efésios, em que ele reflete sobre a missão universal da igreja. No Capítulo 3 dessa carta, ele declara:

A mim, o mais insignificante dentre todos os santos, coube a graça de anunciar entre os pagãos a inexplorável riqueza de Cristo, e [a todos] manifestar o mistério oculto desde a eternidade em Deus, que tudo criou.

Depois, dirigindo-se aos Efésios, Paulo faz a seguinte prece:

*Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a **largura**, o **comprimento**, a **altura** e a **profundidade**, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus. (Ef 3, 18-19)*

Para Agostinho, as dimensões físicas da cruz de Cristo significam a largura, a altura, o comprimento e a profundidade do amor que Cristo tem pelo seu povo, que forma os membros do seu corpo.

*Escutem o que o apóstolo lhes diz: Quanto a mim, não pretendo, jamais, gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Que essa seja também a nossa glória, quanto mais não seja porque é nela que nos apoiamos. Talvez seja ali que iremos encontrar a largura, o comprimento, a altura e a profundidade. Essas palavras do apóstolo, como se nota, apresentam a cruz perante os nossos olhos, isto é, ela tem uma largura, onde as mãos estão pregadas; possui um comprimento, que permite ao poste descer até o chão; tem altura também, que sobe um pouco além da barra sobre a qual as mãos estão pregadas, onde a cabeça do crucificado se encontra; e possui também uma profundidade, que é a parte fixada no chão e que permanece invisível. Perceba o mistério grande e significativo (**magnum sacramentum**) que é, a partir daquela profundidade invisível, erguer-se algo visível. (s. 165.3)*

Na Carta 55, Agostinho reafirma o modo pelo qual ele compreende a profundidade da cruz, quando escreve: “Mas a profundidade da cruz, que se encontra escondida dentro na terra, simboliza o segredo do mistério.” (ep.55,25) A esse segredo do mistério podemos chamar Graça.

As dimensões da largura, da altura e do comprimento da cruz são sinais exteriores e exemplos que Cristo oferece aos fiéis para imitação, quando ele justamente diferencia essas dimensões da profundidade, que é a parte da cruz escondida debaixo do chão, mas sem a qual a cruz não pode se sustentar de pé. Essa profundidade, à qual podemos chamar o *sacramentum*, é a parte que, segundo Agostinho, é o lugar do qual a graça flui para nós gratuitamente, de acordo com o plano secreto de Deus. Ao imitarem o sacrifício de Cristo na cruz, pelas boas obras (largura), pela paciência no sofrimento (comprimento) e pela esperança que persevera (altura), os crentes manifestam exteriormente o mistério do ato salvífico sacramental de Cristo.

Vemos que Jesus Cristo não é, simplesmente, o exemplo por excelência de como preencher esse desejo – Ele é, na verdade, o único caminho para o realizar. Ele é o único mediador entre Deus Pai e nós. Cristo é o *Sacramentum Caritatis* dado ao mundo, para que o mistério sagrado da sua vida, morte e ressurreição sejam a única possibilidade para a concretização do desejo supremo daqueles que são fiéis a Deus. Esta reflexão diz respeito a um aspecto desse *Sacramentum Caritatis*, na medida em que considera a nossa missão como membros do corpo de Cristo.

Agostinho dedicou-se intensamente a instruir as congregações do seu tempo sobre a participação mútua no exercício da caridade, para concretizar o amor que move os nossos anseios e nos leva a cumprir o nosso dever. No final da vida, a prestação de contas que cada um de nós fará irá incluir todos os esforços de tornar o amor concreto através das boas obras que praticamos para corresponder à mensagem do Evangelho. Vejamos o seguinte exemplo: *Então, amai a lei de Deus, e não deixeis que tudo isso vos escandalize. Peço, imploro, exorto a que sejais mansos, que demonstreiis compaixão pelos que sofrem e cuideis dos fracos; e que neste tempo de muitos refugiados estrangeiros, sejais generosos em vossa hospitalidade, generosos em vossas boas obras. Que os Cristãos realizem o que Cristo ordena.* (s.81.9)

Temos em comum a nossa vocação de cristãos. A nossa vocação de agir conforme Cristo ordena. Compartilhar essa vocação está no âmago da *Regra* de Agostinho. Usando a passagem de Atos 4, já mencionada, ele escreve, logo no início da *Regra*: *“Em primeiro lugar, já que para isto vos reunistes na comunidade, vivei unânimes na casa e tende uma só alma e um só coração dirigidos a Deus.”* (reg. I,1) Deus não é apenas o objetivo comum e o tesouro da vida em comunidade, mas, também, a condição para

a possibilidade dessa vida comunitária. O amor une a Deus os membros da comunidade. Esse amor envolve a relação de cada um com Deus, bem como a relação entre os membros da comunidade e se estende ainda aos irmãos e as irmãs que vivem fora da nossa comunidade. É o que leva o amor a Deus e ao próximo a se tornar realidade em nossas vidas. Deus, que se tornou real pelo Amor, não é apenas a motivação, mas também o motivador. Quando se realiza o amor em Deus, torna-se real o ideal que muitos Padres e Madres, como discípulos de Cristo, buscaram estabelecer.

No seu Comentário ao Salmo 132, Agostinho apresenta detalhadamente o quão precioso para ele é esse ideal. Ele cita "*Vede como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos*" (Salmo 133:1) e assim encontra sustentação bíblica para o seu ideal e a sua espiritualidade monástica, apontando para esse ideal como uma meta pela qual todos os homens devem lutar. Ele reconhece neste Salmo o começo, as sementes para a vida comum que foram plantadas no povo de Israel; e a seguir afirma que "Foram os primeiros, mas não os únicos, porque este amor e esta unidade fraterna não chegaram até eles apenas para terminarem ali. A intensa alegria da caridade alcançou também os seus descendentes." (Sal 132,2). É por isso que Agostinho pode declarar com tanta alegria a beleza e a doçura que ele vislumbra neste Salmo. Foi isso que acendeu a chama daquele desejo inicial de viverem juntos em Deus, que alimentou essa chama na vida de Agostinho e que continua a avivar esse fogo do amor na espiritualidade agostiniana dos nossos dias.

Partilhar o tesouro de Deus na vida em comunidade é o amor que impele os seus membros a viverem nessa unidade. Para os Cristãos, é a partilha de Jesus Cristo (da sua vida, paixão, morte e ressurreição), que torna o amor real. Quanto mais se participa da vida em Jesus Cristo, menos se tem necessidade dos bens materiais que o mundo oferece. Uma vez mais, Agostinho esclarece esse ponto, ao tratar do trabalho dos monges, quando identifica o membro do seu mosteiro como alguém que "não procura mais as próprias coisas, mas as de Jesus Cristo, que se dedica à caridade no dia a dia, pretendendo viver na companhia daqueles que têm um só coração e um só espírito em Deus, para que ninguém trate coisa alguma como sua, mas todas as coisas sejam tidas em comum." (*Dos trabalhos dos monges*, XXV, 32)

Quando se reconhece Deus como o bem comum no mosteiro, ou em qualquer comunidade, então torna-se possível reconhecer mais claramente o lugar do amor, da humildade e do sacrifício pessoal dentro dessa

comunidade. É um amor altruísta dirigido ao outro. É um amor de Deus concretizado no amor ao próximo. É no amor ao próximo que se atualiza tudo o que é bom, suave e bonito da vida comunitária. Ao fazer a partilha de Deus, compartilha-se também a responsabilidade pela administração daquele bem comum. Na prestação final de contas e no julgamento que cada um terá no final, não se pode ignorar a importância da partilha de Deus nessa equação.

Quando a comunidade de crentes reconhece que o seu maior tesouro é a partilha de Deus, “*e que dele todos se tornaram templos*” (reg. I,8), então acontece a concretização do ideal de Agostinho na história. A vida de comunidade não é mais vista como uma organização social abstrata, mas concretamente, como o amor de uma pessoa que está perto de nós. O maior tesouro, Deus, revela-se melhor quando partilhado pelo amor mútuo entre os membros da comunidade. Então, quando isso se realiza e se concretiza na vida de cada um, tudo se relativiza e os demais tesouros comuns encontram os seus devidos lugares.

O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, faz a todos nós o seguinte apelo:

“Você também precisa conceber a totalidade da sua vida como uma missão. Tente fazê-lo, escutando a Deus na oração e identificando os sinais que Ele lhe dá. Peça sempre ao Espírito Santo que lhe mostre o que Jesus espera de você em cada momento da sua vida e em cada decisão que você tenha de fazer, para discernir o lugar que isso ocupa dentro da sua missão. Permita ao Espírito plasmar em você aquele mistério pessoal capaz de refletir Jesus Cristo no mundo de hoje”. (23)

Para concluir, eu gostaria de partilhar as seguintes palavras, da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Este foi um trabalho quase inteiramente elaborado pelo Papa Bento, mas publicado em 2013, pelo Papa Francisco, logo que assumiu o seu ministério papal:

“A minha missão de estar no coração do povo não é meramente uma parte da minha vida, ou um crachá esporádico, que eu possa simplesmente tirar. Não é uma tarefa a mais, ou um simples momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar de mim, sem destruir todo o meu ser. Sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso que nos consideremos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar e libertar”. (273)

Uma vez mais, agradeço a oportunidade de estar com vocês hoje. Espero que esta reflexão possa ser de auxílio para todos nós, nesta caminhada da sinodalidade, descobrindo e redescobrimo nossa missão enquanto indivíduos, como membros de comunidades religiosas e como povo de Deus.

Fr. Joe Farrell, OSA